

# DOS SONHOS DE SCHILLER AO ESTADO ESTÉTICO NO SÉCULO XXI: DEVANEIOS E CAMINHOS – POSSÍVEIS? – PARA UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA DA HUMANIDADE

ANA CRISTINA DE MORAES

## Introdução

Este texto está composto em forma de cartas, assim como o é a obra de Schiller aqui analisada – “Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade”.

Coloquialmente apresento minhas implicações e interesse pela obra de Schiller, bem como algumas de suas idéias que mais me chamaram a atenção.

Percebo que sua proposta de criação de um Estado Estético é muito pertinente e atual, mesmo se constituindo como um ideal difícil de se tornar real e generalizado (frente a multiplicidade cultural e aos limites sócio-estruturais de nossa sociedade), sendo necessário a existência de muita gente sonhadora e criativa para uma aproximação a esse ideal em alguns espaços de sociabilidade.

Schiller, ao propor uma estética comportamental através da educação dos sentidos, realça o trabalho educativo como fundamental nesse processo, pois o mesmo poderá promover uma transformação substancial nos valores e nas sensações dos educandos.

Com esta perspectiva, instigar o desenvolvimento do senso estético das pessoas me parece algo de primeira ordem de necessidades. Aliás, a educação de modo geral, é uma política que deve ser tida como prioritária e executada em caráter emergencial, sendo mesmo necessário decretar “estado de calamidade pública” frente à problemática situação educacional brasileira onde, por exemplo, professores têm uma formação precária, as escolas e universidades, em geral, demandam uma estrutura física e humana mais adequados – em quantidade e qualidade – dentre tantos outros problemas sócio-econômico-culturais vivenciados pela população.

Nesse contexto, como promover uma elevação cultural do nosso povo sem esforços voltados à implementação de um projeto educativo consistente e conseqüente? De que

modo a criatividade, a sensibilidade, a razão, a corporeidade e a espiritualidade serão aprimorados conjuntamente, se não através da educação formal que tenha como eixo uma educação estética?

Schiller é, pois, uma referência essencial nos projetos político-pedagógicos da atualidade, principalmente pelo seu desejo de instituir a arte como ponte para o desenvolvimento da educação estética da humanidade.

## Carta I

Como me aproximei de Schiller? Essa é uma longa história, mas vou abreviá-la.

Fui apresentada às “Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade” através de um amigo – Dalton Walbruni – filósofo que, em conversas à toa, expunha-me algumas importantes idéias tratadas por esse e outros filósofos. Isso ocorreu a pouco mais de dois anos, período em que eu concluía o mestrado. O estranho é que, no mestrado em educação – UFC – nem se tocava no nome de Schiller, como uma referência no pensamento filosófico-educacional.

Nesse período, Dalton escrevia uma peça teatral sobre as idéias de Schiller: “O Suicídio de Schiller na Indústria da Morte”, em que ele fez um confronto entre o ideal estético desse filósofo e a apropriação desse ideal pela indústria do consumo na atualidade, que atualizou e distorceu toda a proposta de Schiller para gerar lucro máximo e padronização comportamental. A “Indústria da Morte”, que é a “Indústria do Consumo” transformou os artistas-pedagogos em apresentadores de TV – Xuxa, por exemplo – além de apropriar-se da idéia de “Estado Estético” como “Estado Midiático”. É ou não um grande motivo para o Schiller desejar cometer um justo e consciente suicídio?

Todo esse drama merece ser lido (ou “degustado”, nos termos de Dalton Walbruni), por apresentar, artisticamente, as idéias de Schiller para uma educação estética da humanidade, bem como por apontar – no mesmo texto – algumas perspectivas de outros filósofos de diferentes épocas.

Foi a partir de lúdicos diálogos com esse amigo – em mesas de bares e não entre paredes acadêmicas – que

me apaixonei pelas cartas de Schiller e me motivei para lê-las mais detidamente.

## Carta II

Para uma breve biografia, aponto alguns fatos da vida e da obra de Johann Christoph Friedrich Von Schiller (1759–1805) que considero mais relevantes para a apreciação do(a) leitor(a) desta carta.

Filósofo alemão, nascido na cidade Marbach (Wuerttemberg), Schiller é filho de um cirurgião militar – Johan Kaspar – e de Elizabeth Kodweis (filha de um taberneiro).

Pelo fato de o pai mudar-se constantemente com a família para lugares diversos pela sua condição de militar, Schiller teve a chance de trocar seus estudos das leis, a que fora obrigado pelo duque de Wurttemberg Karl Eugen, para medicina em Stuttgart (1775).

Tornou-se também, em sua juventude, importante dramaturgo, sendo sua primeira peça teatral escrita entre 1777 e 1778 enquanto estudante. Esta peça – *Die Räuber*, *Os Assaltantes* – é um

[...] drama entre dois irmãos em que um é deserddado devido a intrigas feitas pelo outro, e se torna um assaltante até se convencer de que o crime nunca haveria de reparar sua perda. (COBRA, 2003, p.01).

Nesta obra ele expressa sua revolta contra a tirania do regime militar de sua época, bem como as influências que recebeu do pensamento de Rousseau e dos poetas do movimento *Sturm und Drang*. O próprio Schiller financia a publicação de sua peça, que se torna um grande sucesso.

Em 1780, forma-se em medicina e logo é designado para servir no regimento em Stuttgart. Ao ausentar-se de Stuttgart para ver a primeira representação de sua peça em Mannheim (em 1781), é preso por quinze dias por ordem do duque, ficando proibido de escrever para o teatro.

Outra obra importante de Schiller, também escrita em sua juventude foi *Kabale und Liebe* (Amor e Intriga), escrita em 1784. Em 1785 escreveu *Dom Carlos, Infant von*

*Spanien*, que descreve o conflito entre o rei Felipe II, da Espanha, e seu filho Dom Carlos, que ama sua madrasta, segunda mulher de seu pai. Nesta obra, Schiller expressa idéias de liberdade intelectual e política, sob uma ótica rousseauniana.

Toda a sua vida foi marcada por dificuldades financeiras, o que não o impediu de continuar escrevendo, pois alguns amigos como Christian Körner, o ajudavam a manter-se. Assim, vivendo às expensas deste amigo, escreveu em 1786 *Der Verbrecher aus Infamie*.

Já famoso, foi a Weimar, em 1787, onde publicou no jornal *Der Teutsche Merkur* (Mercúrio Alemão) o poema "Die Kütler" (O Artista), sobre o papel das artes como grande força civilizadora. Foi também em Weimar que tornou-se amigo de Goethe, tornando-se colaboradores nos trabalhos de publicação.

Schiller casa-se em 1790, com Charlotte Lengefeld, mulher culta e de boa família, com quem teve dois filhos e duas filhas. O mesmo morre em Weimar, em 1805, aos 46 anos.

Schiller conviveu em meio a todo um espírito iluminista, onde se enfatizava a supremacia da razão, a construção de um estado leigo e a valorização do saber científico como fundamentos para a realização do progresso da humanidade. Com esses ideais, preconizados pela Revolução Francesa, a burguesia encontra um suporte para sua ascensão política. O que então diria Schiller sobre todo um cenário histórico que rumava para um estado de dominação ideológica racionalista guiada por princípios individualistas, consumistas e castradores das virtudes e da criatividade dos sujeitos? Isso é assunto para a próxima carta.

### Carta III

Uma carta para tratar das "Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade". Esta, porém, terá um papel de fazer apenas uma introdução geral de algumas idéias expostas por Schiller.

As cartas escritas por ele eram enviadas ao príncipe dinamarquês Frederico Cristiano de Augustenburg, que em

1791 lhe oferecera uma pensão de mil “Taler” durante três anos, o que lhe possibilitou a intensificação de estudos sobre a obra de Kant.

O início da escrita destas cartas data de 1793, que logo foram publicadas. Porém, em 1794, o castelo de Christiansburg em Copenhague foi destruído por um incêndio e, juntamente com ele, as “Cartas” de Schiller enviadas ao príncipe:

Muito mais tarde foram encontradas algumas cópias fragmentárias, feitas por amigos estudiosos do príncipe. O próprio Schiller, porém, tornou a redigir as cartas nos fins de 1794 e início de 1795 e, nesta forma mais acadêmica e rígida, a obra chegou a nós. (ROSENFELD, In SCHILLER, 1991, p. 23).

A tradição iluminista de Schiller faz-se refletir em suas “Cartas Sobre a Educação...”. Sonhador, muito sonhador, ele apresenta um “Estado Estético” de modo tão convincente e eticamente tão próximo da perfeição (belo) que fico até desejando (apolineamente) vivenciá-lo.

Contudo, Schiller não nega as contradições e as adversidades nesse Estado; ele traz um modelo diferenciado do instituído sendo esse modelo mais reflexivo, com um olhar mais ampliado sobre as possibilidades inovadoras da vida social:

[...] será ainda muito imperfeita uma constituição de Estado que só saiba alcançar a unidade pela negação da multiplicidade. O Estado não deve respeitar apenas o caráter objetivo e genérico dos indivíduos, mas também o subjetivo e específico; não deve, pela instauração do reino da moralidade, despovoar o reino da aparência. (SCHILLER, 1991, p. 45).

Nessa nova composição estatal, a pluralidade cultural passa a ser valorizada e respeitada, levando-se em consideração tanto os aspectos objetivos quanto subjetivos nos processos de sociabilidade.

No pensamento de Schiller é dada ênfase à sensibilidade e à intuição, sendo estas interligadas à razão, voltadas para a percepção e para a criação da beleza. Para ele, a sensibilidade é fundamental, pois pela sensibilidade, atingir-se-á um progresso social ético. Além disso, a liberdade é criada pela sensibilidade, ou seja, tornando-se os sujeitos mais perceptivos e criativos, a sociedade poderá ser construída em alicerces eticamente fortalecidos.

Nessa sociedade utópica, Schiller busca um ideal de homem propondo uma estética comportamental sendo esta uma formação moral geradora de virtudes capazes de elevar e enobrecer o espírito do homem: “O homem bem formado faz da natureza sua amiga e respeita sua liberdade, na medida em que apenas põe rédeas a seu arbítrio” (Idem., p.46).

Para a realização da tarefa de possibilitar uma educação moral, delineando uma estética comportamental, ele apresenta a figura do artista-pedagogo e político. Este, que necessariamente precisa ser criativo e virtuoso, com uma visão de totalidade capaz de perceber a transversalidade entre razão e emoção (ou sentimento e saber), com o intuito de promover uma educação efetivamente integral:

A educação do sentimento, portanto, é a necessidade mais urgente de nosso tempo, não somente por ser um meio de tornar ativamente favorável à vida o conhecimento aperfeiçoado, mas por despertar ela mesma o aperfeiçoamento do saber. (Idem., p.62).

A percepção das transversalidades entre as várias dimensões humanas possibilita uma maior clareza da necessidade que a humanidade tem de rever e construir seu(s) projeto(s) educativo(s), com o intuito de aperfeiçoá-lo(s) rumo à criação do tão sonhado – por Schiller – Estado estético.

Schiller faz uma crítica ao predomínio da razão na sociedade moderna, denunciando todos os problemas sociais gerados:

Foi a própria cultura que abriu na humanidade recente esta ferida. Tão logo a experiência acrescida e o pensamento mais preciso tornaram ne-

cessária a separação rigorosa das ciências, enquanto, por outro lado, surgia o mecanismo intrincado dos Estados, pedindo a delimitação dos estamentos e dos negócios, rompeu-se a unidade interior da natureza humana e uma luta ruínosa separou as suas forças harmoniosas. (Idem., p.52).

Em sua crítica ao predomínio da razão, Schiller aponta alguns problemas em relação às idéias de Kant (as quais se debruçou profundamente), que valoriza demasiadamente a racionalidade humana. Segundo Kant, a mesma deveria dominar os desejos e os sentimentos.

Por outro lado, mesmo incorporando algumas propostas de Rousseau, Schiller faz também uma crítica a este, afirmando que a natureza humana (os instintos, os sentidos) por si só podem ser ofensivos ao próprio homem. Nesse sentido, ele defende o entrelaçamento equilibrado entre razão e sentidos.

Com respeito a Rousseau, Schiller considera que a natureza (nossas inclinações) não é mestra confiável, pois suas lições muitas vezes chegam perto de aniquilar o homem. Com respeito a Kant, acha que seguir exclusivamente a razão, simplesmente levaria a uma forma de opressão política. De um lado o retorno à selvageria, de outro o cansaço e o desestímulo. (COBRA, 2003, p. 2).

A ênfase à razão – fortemente tutelada pelo capitalismo – muito presente em nossa sociedade, vem tornando os indivíduos bem mais cansados e conseqüentemente menos criadores e mais voltados ao consumo e à reprodução de uma idéia ou de um produto já instituídos. Isso se verifica frente à própria complexificação da vida contemporânea com seus ritmos acelerados e sua carga excessiva de informações muitas vezes desconexas. Essa realidade se reflete até mesmo na pretensa leveza da poesia:

Há muito tempo não escrevo um poema  
Muito menos desenvolvo uma dança  
É que às vezes,  
a dura rotina mexe,

Com o meu 'hábito'  
De ser criança.  
Mas em tempos o desejo bate  
Desejo de querer voar  
E aí a emoção avança  
E faz meu coração cantar.<sup>1</sup>

Com toda a cultura racional instituída, Schiller aponta um fato muito relevante em relação às barreiras na criação do Estado estético (ou, "terceiro estado", como ele mesmo denomina):<sup>2</sup> a forma de atuação do Estado Moderno.

Toda melhoria política deve partir do enobrecimento do caráter – mas como poderá enobrecer-se o caráter sob a influência de uma constituição estatal bárbara? Para esse fim seria preciso encontrar um instrumento que o Estado não dá e abrir fontes que se conservem limpas e puras apesar de toda a podridão política. Cheguei ao ponto a que aspiravam todas as minhas considerações até aqui feitas. Este instrumento está nas belas-artes, estas fontes abrem-se em seus modelos imortais (p. 63).

Como saída possível, do Estado bárbaro rumo ao Estado estético, Schiller propõe a apropriação das belas-artes – numa perspectiva tanto de criação como de apreciação – com o intuito de promover uma educação estética capaz de elevar os espíritos, formando sujeitos permanentemente criativos, autônomos, propositivos e flexíveis:

a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p.21).

---

<sup>1</sup> Poema que fiz no momento de composição de minha dissertação de mestrado (2002). Foram instantes de trabalho intenso, porém, de muitos prazeres.

<sup>2</sup> O Terceiro Estado, segundo Schiller, é o estágio de equilíbrio entre razão e sensibilidade. Nessa nova realidade, razão e emoção vivenciam uma experiência de hibridação.

## Carta IV

Na tentativa de fazer uma atualização dos sonhos de Schiller, cairei em alguns devaneios no decorrer desta carta, expondo algumas crenças pessoais – ingênuas, talvez. Mas devaneio é assim mesmo.

Assim como os instrumentos corporais, também a imaginação do homem tem seu livre movimento e seu jogo material; exercita sua espontaneidade e liberdade sem qualquer relação com a forma. (SCHILLER, 1991, p. 144).

Ao refletir sobre as possibilidades de instauração de um Estado estético schilleriano na nossa sociedade, eu me questiono: mais um devaneio estéril ou uma lúdica possibilidade de transformação social?

Como importante caminho idealizado por Schiller, tem-se algo imprescindível: a vitalidade do artista-pedagogo. Arte-educação adquire então, um lugar especial no processo de formação do Estado estético. Aliás, a arte-educação é, em Schiller, o caminho ou o projeto que fundamenta a educação estética dos indivíduos. Se há educadores que desejam a emersão de alunos sensíveis e criativos, precisarão eles tornar-se arte-educadores, adquirindo um olhar e uma escuta sensíveis, bem como uma aura inovadora, singular, além de produzirem arte, devendo também estimular essa produção nos educandos, porém,

A produção artística não deve ser apenas uma manipulação mecânica de materiais e apreensão de técnicas, mas estar estreitamente vinculada a uma consciência cultural e histórica, onde a expressão se manifesta com propriedade. A história da arte e da cultura deve ser algo vivo e ágil, onde o importante não é um estudo cronológico, mas uma perspectiva inter-relacionada com as produções artísticas, com os conceitos estéticos das diferentes épocas e com o próprio meio social em que determinada expressão artística se dá. (OSINSKI, 2001, p.110).

Nesse sentido, a proposta de educação estética não se limita a produzir mais obras de arte, mas também visa aguçar a percepção das pessoas como sujeitos históricos e culturais que estão presentes num dado contexto, transformando-o e sendo por ele transformado.

Para tal empreendimento educativo a escola, como um dos espaços mais legitimados para promover a educação formal (orientada e não-espontânea) precisa desenvolver uma proposta pedagógica de caráter mais lúdica e estimuladora do ato autônomo e criativo e não do ato meramente reprodutivo.

Os professores precisarão adquirir uma formação integral, ou seja, incorporar um perfil que ao mesmo tempo aguçe todos os sentidos, numa relação transversal entre razão e sensibilidade.

O trabalho de desconstrução permanente e rigorosa dos valores e modelos comportamentais impostos pela mídia será um imperativo árduo sendo este, tanto tarefa da escola como das famílias e de diversas instituições sociais que anseiam por uma realidade que garanta o brilho do papel da estética como força propulsora da civilização.

Juntamente a tudo isso, o estágio de ilusão e devaneio deve ser avançado, para que se possa idealizar o Estado estético, bem como ser artista o suficiente para criar formas e concretização dessa realidade. E o caminho dessa concretização é a educação formal consistente, direcionada para a elevação dos espíritos e das virtudes humanas. Mas essa educação precisa se constituir num esforço de busca da autonomia do pensar e do agir por parte dos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.<sup>3</sup>

Vale reforçar a lembrança de que a capacidade de devanear é uma condição inerente ao ser humano. O devaneio representa uma brincadeira, uma diversão do pensamento, o que pode também se tornar razão, afinal, a história da ciência e da filosofia nos mostra que grandes idéias e/ou

---

<sup>3</sup> A idéia de ensino-aprendizagem aqui exposta reflete a perspectiva freireana de educação, em que tanto o educador quanto o educando ensinam e aprendem, mediatizados pelo constante diálogo e pelo desejo de construção do conhecimento.

grandes manifestações do pensamento racional são originados de “viagens” dos cientistas, devaneios necessários ao processo criativo.

Na verdade, nunca foi possível existir ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento. Tanto uma como a outra são ações criadoras na construção do devir humano. O próprio conceito de verdade científica cria mobilidade, torna-se verdade provisória, o que muito aproxima estruturalmente os produtos da ciência e da arte. (BRASIL, 1997, p.34).

Por que então o Estado estético não poderia existir um dia? É uma possibilidade, mas precisa começar agora a ser elaborado por muita gente e essa gente precisa se esforçar para se aperfeiçoar moral e artisticamente e, ao mesmo tempo, contribuir para a formação de outros aprendizes.

Os caminhos são errantes na construção do Estado estético. O andarilho que busca esse Estado precisa sonhar muito, até atingir um estágio de ilusão e devaneio que lhe torne inspirado, criativo e propositivo. E tem que sonhar bem acordado, atento às novas idéias, pois:

Ficamos mais receptivos às sugestões da mente inconsciente nos momentos de devaneio, quando não estamos pensando em nada particular. Por isso, o ‘sonho acordado’ é tão útil na busca da criatividade. (GOLEMAN, 1992, p.16).

Por causa disso, as instituições educativas, dentro do percurso de seu projeto político-pedagógico, precisarão elaborar ações de exercício da liberdade entre os educandos. Ações autogestionadas pelo grupo e o estímulo à constante expressão artística, são exemplos significativos.

No Estado estético, é tudo livre cidadania, mesmo o instrumento servil tem seus direitos iguais aos do mais nobre, e o entendimento que pela violência submete à sua finalidade a massa moldável é obrigado, agora, a pedir-lhe o assentimento. No reino da aparência estética, portan-

to, realiza-se o ideal da igualdade, que o sonhador tanto amaria ver realizado também em essência. (SCHILLER, 1991, p.150).

Nessa perspectiva, a sociedade teria um cenário radicalmente diferente do que hoje vivenciamos, com sujeitos ativos, conscientes de si e autônomos, interagindo em liberdade nos limites, é claro, do exercício da liberdade do outro.

Existirá, entretanto, tal Estado da bela aparência, e onde encontrá-lo? Como anseio, ele existe em todas as almas nobres; quanto aos fatos, iremos encontrá-lo, assim como a pura igreja e a pura república, somente em alguns poucos círculos eleitos, onde o comportamento não seja governado pela parva imitação de costumes alheios em lugar de sê-lo por sua própria bela natureza, onde o homem atravesse as mais intrincadas situações com simplicidade audaz e calma inocência, não necessitando ofender a liberdade alheia para afirmar a sua, nem desprezar a dignidade para mostrar graça. (p.151)

Schiller mostra, assim, que o projeto de composição do Estado estético não se exerce de modo homogêneo, muito menos generalizado. Ao contrário, ele possui uma natureza plural e pode se manifestar em diversos espaços institucionais.

Ao findar estes escritos, percebo: é noite de lua cheia! Entre mim e ela, a janela. E uma fugaz sensação de estar sob constante vigilância:

A lua me segue atenta.  
Um olho que não pisca.  
O olho de Deus? Um "panopticon"?  
Olho de prata?  
Ou uma afta na boca do céu???

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COBRA, Rubem Queiroz. *Friedrich Schiller*. Cobra Pages – Disponível: <<http://www.cobra.pages.com.br>>. Acesso em: 2003.

GOLEMAN, Daniel., KAUFMAN, Paul., RAY, Michael. *O espírito criativo*. São Paulo: Cultrix, 1992.

OSINSKI, Dulce. *Arte, história e ensino: uma trajetória*. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo: EPU, 1991.

WALBRUNI, Dalton. *O suicídio de Schiller na indústria da morte*. Fortaleza: Editora Gráfica, 2005.